

A TRISTE PONTE AÉREA

Rubem Braga

NESTA brumosa manhã de sábado em que escrevo há duas perguntas pairando sobre a névoa séca: uma é sobre o candidato do PTB na Guanabara, outra sobre o ganhador do Grande Prêmio Brasil. Como esperar que algum leitor me leia domingo, se não tenho ao menos um palpite sobre nenhuma dessas corridas, e no fundo nem sequer me interesso pelo cavalo Fátuo ou pelo marechal Lott?

Andei fora por uns dias. Não fiz a volta ao mundo. Fui de avião a São Paulo, utilizando, por não ter outro remédio, a Ponte Aérea, que é uma união de três companhias para maltratar o público. Se você quer tomar um avião de qualquer uma dessas companhias para algum lugar longe, é cercado de atenções pelo funcionário do balcão da agência, pelo outro do aeroporto, depois pelo comissário ou aeromoça. Cortesia sobre cortesia, para conquistar sua preferência. Mas na hora de ir a São Paulo, como os três concorrentes estão unidos, todos esses gentilíssimos funcionários se transformam em secos e desdenhosos funcionários públicos que a muito custo permitem que você viaje na hora e no avião que eles determinarem. Mesmo que você tenha a passagem não poderá reservar lugar pelo telefone. Nem uma balinha lhe dão a bordo para chupar.

Não estou culpando os funcionários; eles cumprem ordens. E a ordem, na Ponte Aérea, é tratar o público como um rebanho a ser embarcado e desembarcado, não mais; e você é apenas um carneiro no meio daquele rebanho, um carneiro que está ali para ser tosado sem tujir nem mugir. No fim o alto-falante de bordo diz que o comandante Silva e a tripulação agradecem a sua preferência e esperam vê-lo novamente a bordo; e acrescenta: "foi uma honra tê-los em nossa companhia". Imaginem se não fosse. Acho que poderiam pelo menos suprimir essas fórmulas verbais, fruto da literatura barata dos encarregados de relações públicas, e substituí-las por um simples "passem bem, mais do que suficiente".

Querem saber mais? Hesito em dizer, no receio de ferir alguma deusa, mas tenho a impressão tão nitida de estar dizendo a verdade que me arrisco a formular esta hipótese... Bem, pode ser apenas azar meu, nestas poucas viagens que tenho feito a São Paulo — mas francamente, às vezes chego a acreditar que essas companhias estão selecionando as aeromoças mais feiinhas... perdão, menos bonitinhas! — para essa tal de Ponte Aérea.

DN - 1/8/65 - dom.